

A poesia negra e feminina de Lima Fabien

Beatriz D'Angelo Braz¹

Resumo: Lima Fabien é uma poeta de origem guianense e martiniquense, que nasceu em 1964, no Senegal. Fabien mudou-se posteriormente para Metz, no noroeste da França, onde passou sua infância e adolescência. A autora com frequência define-se como uma “cidadã do mundo”, o que se deve, provavelmente, a essa vivência cheia de deslocamentos. Contudo, ainda que Fabien afirme a universalidade da poesia como meio de expressão da sensibilidade humana – que pode ser compartilhada independentemente da raça, da origem e das fronteiras geográficas-, seu trabalho poético também busca refletir e afirmar sua expressão *créole*. Além de poeta, Fabien tem um significativo trabalho no teatro guianense como atriz e dramaturga na companhia *Mayouri Théâtre*.

Lima Fabien é uma poeta de origem guianense e martiniquense, que nasceu em 1964, no Senegal. Fabien mudou-se posteriormente para Metz, no noroeste da França, onde passou sua infância e adolescência. A autora com frequência define-se como uma “cidadã do mundo”, o que se deve, provavelmente, a essa vivência cheia de deslocamentos. Contudo, ainda que Fabien afirme a universalidade da poesia como meio de expressão da sensibilidade humana – que pode ser compartilhada independentemente da raça, da origem e das fronteiras geográficas-, seu trabalho poético também busca refletir e afirmar sua expressão *créole*. Além de poeta, Fabien tem um significativo trabalho no teatro guianense como atriz e dramaturga na companhia *Mayouri Théâtre*.

1 Beatriz D'Angelo Braz é mestre em Múltiplos Meios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutora em literatura pela Universidade de Brasília (UnB).

Fabien escreve seu primeiro poema com 16 anos. Aos vinte anos, em 1983, ela pública sua primeira coletânea de poemas, intitulada *Point de vue*. A obra é bem recebida tanto na França metropolitana quanto nos territórios ultramarinos. *Poutchi, Pouki, (à jamais libre...)*, título do qual foram extraídos os poemas que se seguem, é sua segunda coletânea e foi publicada quase vinte anos após a primeira, em 2002. Essa segunda publicação surge em decorrência da leitura da obra do escritor, poeta e político guianense Léon Gontran-Damas, que serviu como inspiração para a autora.

Para Fabien, a criação é fruto do encontro, no sentido amplo, de livros, autores e de momentos de vida. Além disso, ela entende a poesia como um encontro entre o mundo espiritual e o mundo material. A poesia, para ela, faz analogias, ligações e traduz as revoltas interiores, desempenhando quase a função de uma terapia, tanto para o poeta quanto para o leitor que se identifica com o autor e sua produção. Essa percepção da poesia como meio de expressão quase terapêutico está presente de forma marcante em *Poutchi Pouki (À jamais libre...)*. Nesse livro, a autora faz uma homenagem aos seus ancestrais, destacando, sobretudo, as dificuldades enfrentadas pelo seu povo. Assim, mesmo como “cidadã do mundo”, Fabien busca jamais esquecer suas origens e, em sua obra poética, dar voz à população negra que muito sofreu durante séculos de exploração. Além das poesias, ela também assina as ilustrações que permeiam a obra.

No prefácio de *Poutchi Pouki*, Guy Fabien salienta a musicalidade da poesia de Lima Fabien, que apresenta um ritmo a ser seguido, levando o leitor em uma viagem do passado ao futuro, destacando lembranças a serem redescobertas. Em função disso, os poemas selecionados e apresentados a seguir são os sete primeiros, conforme a sequência proposta pela autora. Assim, o leitor pode iniciar seu trajeto pelas poesias de Fabien como ela havia concebido, dando os primeiros passos nesse caminho conduzido pela autora.

O passado, o sofrimento, o sangue fazem-se presentes desde as primeiras páginas, em um retrato pungente dos infortúnios de seu povo. O *créole* também aparece em alguns poemas da obra de forma pontual, sendo apresentadas as traduções em francês em notas de rodapé. Nos poemas selecionados, contudo, a autora não utilizou termos e expressões em *créole*. A escrita de Fabien é sintética, porém, carregada de muito sentido e sentimento. Seus versos não refletem apenas o sofrimento do povo negro, mas, em particular, a condição feminina, ainda mais fragilizada.

Un chant d'antan

*Et j'entends ce chant incessant
Qui s'éprend à tout rompre
De l'écume de tant de sang versé*

*Combien de temps encore
Combien d'aurores auront passé la nuit
Avant que meure la flamme des victimes humaines
Qui hantent les esprits*

*Et j'entends ces râles
Qui s'étouffent qui s'essoufflent
De rage devant le miroir de la liberté*

*Combien de temps encore
Combien d'aurores
Combien de nuits
Oh combien passées!*

Um canto de outrora

E escuto esse canto incessante
Que se apaixona perdidamente
Pela espuma de tanto sangue derramado

Quanto tempo ainda
Quantas auroras teriam passado a noite
Antes que morresse a chama das vítimas humanas
Que assombram os espíritos

E escuto esses chiados
Que se sufocam e perdem o fôlego
De raiva em frente ao espelho da liberdade

Quanto tempo ainda
Quantas auroras
Quantas noites
Ó quantos passados!

Que

*Que puis-je espérer
Sinon respirer encore
Encore pour témoigner
Encore pour consumer
Les cendres de leurs calumets*

*Que puis-je espérer
Moi le fruit d'un monde divisé
De mon père de ma mère de mes enfants
La mer flue et reflue depuis la nuit des temps*

*Que puis-je espérer
Seule montrée du doigt par les passants
Toutes mes larmes ont séché dans le souffle du vent*

*Que puis-je espérer
Dans l'amertume
Sinon ramasser l'écume de l'écume*

O quê

O que posso eu esperar
Senão respirar ainda
Ainda para testemunhar
Ainda para consumir
As cinzas dos seus cachimbos

O que posso eu esperar
Eu o fruto de um mundo dividido
Do meu pai da minha mãe dos meus filhos
O mar flui e reflui desde a noite dos tempos

O que posso eu esperar
Sozinha apontada pelos passantes
Todas as minhas lágrimas secaram com o sopro do vento

O que posso eu esperar
Na amargura
Senão juntar a escória da escória

Lettre à mon frère

Toi mon frère

Toi qui juge

Ouvre donc les yeux

Ouvre donc ton cœur

La première

Leçon c'est de se taire

De se montrer moins fier

Toi mon frère

Toi qui juge

Enlève les maillons de cette chaîne folle

Dont la langue de vipère salit les âmes

Les âmes anciennes lumière de misère

Toi mon frère

Toi qui juge

Ramène à la raison ta suffisance

Ramène un peu d'amour dans ta province

Ramène à la raison les cœurs de mon enfance

Carta ao meu irmão

Você meu irmão
Você que julga
Abra então os olhos
Abra então seu coração
A primeira
Lição é a de se calar
De se mostrar menos orgulhoso

Você meu irmão
Você que julga
Tire os elos dessa corrente louca
Cuja língua de víbora suja as almas
As almas antigas luz de miséria

Você meu irmão
Você que julga
Traga à razão a sua empáfia
Traga um pouco de amor a sua província
Traga à razão os corações da minha infância

Le temps d'une vie

*Je ne vivrai que le temps qu'il faudra
Pour mettre au monde des enfants ça et là
Je ne brillerai que cent vingt ans peut-être
Avant l'heure du trépas*

*Mes pores serviront aux graines de la terre
Ma sueur sève de ma colonne en vie
Arrosera jusqu'à la fin du suc véritable
Jusqu'au dernier holà!*

*Je ne vivrai que le temps qu'il faudra
Avant l'été dernier mon ami me tuera*

O tempo de uma vida

Só viverei o tempo que for preciso
Para colocar no mundo crianças aqui e acolá
Só brilharei por cento e vinte anos talvez
Antes da hora do traspasso

Meus poros servirão para as sementes da terra
Meu suor seiva da minha coluna em vida
Regará até o fim do verdadeiro suco
Até o último basta!

Só viverei o tempo que for preciso
Antes do último verão meu amigo me matará

Ce que je n'ai pas vécu

J'imagine les gestes d'une culture

Dans des ondes devinées

J'imagine la mère qui donnait la tétée à son fils

Pendant qu'un cri au loin ébranlait la savane

J'imagine le père rompant le pain

Partage de la famille qui devait le lendemain s'éclater

J'imagine une odeur de chambre

Où on nous entassait

Où on nous aurait perdu nos âmes

J'imagine un langage

Un souvenir

Un chant

Un rire à pleines dents

J'imagine la joie

Les corps

La transe

La danse

Mais je vois l'odeur du sang

Aquilo que não vivi

Imagino os gestos de uma cultura

Nas ondas adivinhadas

Imagino a mãe que dava de mamar ao seu filho

Enquanto um grito ao longe sacudia a savana

Imagino o pai partindo o pão

Partilha da família que devia no dia seguinte se divertir

Imagino o cheiro do quarto

Onde nós nos apinhávamos

Onde teríamos perdido nossas almas

Imagino uma linguagem

Uma lembrança

Um canto

Um riso com todos os dentes

Imagino a alegria

Os corpos

O transe

A dança

Mas vejo o cheiro do sangue

Viols en série, souvenirs d'antan

*La femme qui fut femme
Comme il se doit d'être femme
Affiche les rondeurs
Caresse jour et nuit la pointe de son nombril
Des bosses apparaissent comme des tremblements d'entrailles
Son intérieur s'étend généreusement
L'eau l'habite
Devant le feu qui au dedans crépite*

*La femme qui fut femme
Comme il se doit d'être femme
À un passé d'orgasmes déraisonnables*

*La femme qui fut femme
Sans même le demander
Ne peut serrer son ventre comme une taille de guêpe
Le bourreau la condamne
Jette sur la graine ovoïde le blâme*

*La femme qui fut femme sans même le demander
Alimente la source des rivières
Baigne dans un océan de misère*

*La femme qui fut femme
Comme il se doit d'être femme
La femme qui fut femme
Sans même le demander*

Estupros em série, lembranças de outrora

A mulher que foi mulher
Como se deve ser mulher
Exibe curvas
Acaricia dia e noite seu umbigo
Bossas aparecem como tremores nas entranhas
Seu interior estende-se generosamente
A água a habita
Diante do fogo que por dentro crepita

A mulher que foi mulher
Como se deve ser mulher
Para um passado de orgasmos descabidos

A mulher que foi mulher
Sem mesmo pedir
Não pode encolher sua barriga como uma cintura de pilão
O carrasco a condena
Joga sobre a semente oval a culpa
A mulher que foi mulher
Sem mesmo pedir
Alimenta a nascente dos rios
Banha-se num oceano de miséria

A mulher que foi mulher
Como se deve ser mulher
A mulher que foi mulher
sem mesmo pedir

Paroles d'autres femmes

Tu m'ignorais un soir
Tu m'ignorais
Mon sacrifice
Tu m'ignorais chez une autre compagne
Tu donnes à nos enfants des frères illégitimes
Tu colores
Tu blanchis
Tu m'ignorais
Douleur de ma douleur
Traîne-malheur affirme ma pâleur
Tu m'ignorais avec tes cent mille négresses
La cendre de leurs cendres
Polyandre des sept corps en amont en moi incinéré
Servira d'engrais à tes vastes champs de cannes
L'essence même d'un cierge de désirs illustrés
Tu m'ignorais
Provoquer l'oubli de ces corps d'animaux
Que l'amour de mes larmes immergées
Frappe en pleine face par un coup d'acculé
Tu m'ignorais
M'ignoreras-tu encore?

Palavras de outras mulheres

Você me ignorava uma noite

Você me ignorava

Meu sacrifício

Você me ignorava na casa de outra parceira

Você dá aos nossos filhos irmãos ilegítimos

Você colore

Você branqueia

Dor da minha dor

Desafortunado afirma minha palidez

Você me ignorava com suas cem mil negras

A cinza das cinzas delas

Poliandra dos sete corpos a montante em mim incinerado

Servirá de adubo para seus vastos campos de cana

A própria essência de um círio de desejos ilustrados

Você me ignorava

Provocar o esquecimento desses corpos de animais

Que o amor das minhas lágrimas imersas

Bata na cara com um golpe de um acuado

Você me ignorava

Você ainda me ignorará?

Referência bibliográfica

FABIEN, Lima. Poutchi Pouki (À jamais libre...). Dakar: Panafrika / Silex / Nouvelles du Sud, 2017.

<https://afit.arts.uwa.edu.au/AMINAFestivalieres2004.html> Acesso em 02/03/2022.